

Universidade de São Paulo

Glenda Carlos Ferreira de Almeida

Nilbberth Pereira da Silva

Orientador: Professor Doutor José Coelho Sobrinho

**Como o bullying contra jovens indígenas estudantes de escolas “de branco”
perpetua estereótipo negativo do índio**

São Paulo – SP

I. Tema

A reportagem descreve como o bullying acontece em escolas onde não-índios estudam com Guaranis-Kaiowás na cidade de Antônio João, Mato Grosso do Sul (MS). A cidade está próxima da região de Dourados, notável nos últimos anos pela violação aos direitos indígenas.

II. Justificativa

Os Guaranis/Kaiowá têm cerca de 70 mil integrantes, dos quais 30 mil moram em terras indígenas, acampamentos improvisados e periferias em MS. Cerca de metade da população tem menos de 14 anos, segundo a Secretaria de Saúde Indígena (Sesai).

Só três das 31 terras indígenas Kaiowá têm escolas de ensino médio, embora a maioria tenha ensino fundamental. Se os jovens índios quiserem diploma, devem estudar em escola comum, com não índios, onde o português é a língua predominante. Campo Grande (MS) possui 910 indígenas estudando em 87 escolas públicas.

É frágil a situação do escolar índio, apontam pedagogos. A dificuldade linguística faz com que o aluno fique quieto e sinta-se excluído, diz Sérgio José Both (*Da aldeia à cidade: O cotidiano de estudantes Paresi em escolas urbanas de Tangará da Serra – MT*).

A escola não sabe lidar com a multiculturalidade. “Em uma conversa com uma aluna indígena de 13 anos, estudante do 8º Ano, percebi que existe por parte de algumas crianças indígenas o medo de assumir a identidade, pois para elas serão alvo de discriminação dos colegas de turma e até dos professores. A indígena repetiu inúmeras vezes que seus colegas acham que “índio mora na aldeia e vive sem roupa”, conta Carlos Magno Naglis Vieira, (*A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande – MS*).

A criança indígena é alvo fácil de bullying. Um caso emblemático aconteceu na cidade de Antonio João, como nos informou Leia Kaiowá, educadora e liderança da aldeia Campestre, terra indígena Ñande Ru Marangatu. 30 adolescentes da aldeia sofrem perseguições contínuas. Estudantes não-índios sentam-se em grupos separados e fazem comentários maliciosos em voz alta do cheiro dos índios, diz o professor Glauber Arikener, da Escola Estadual Pantaleão Coelho Xavier. Os colegas escondem os materiais dos indígenas, fazem cara de nojo e os xingam de “sujos”, conta a ex-aluna

Yara Correa. “Os colegas os chamam de 'bugrinhos' e cospem toda vez que chegam perto”, diz a carta enviada à Funai pela liderança da aldeia.

O bullying se transformou em discriminação aberta dia 27/02, quando um grupo de 28 colegas do primeiro ano recusou-se a estudar na sala com oito colegas índios. Diziam que eles cheiravam mal. O diretor decidiu que a classe inteira deveria estudar no pátio e sugeriu que o grupo de índios comprasse desodorante: “Se não têm dinheiro para isso, passem na minha sala que providencio!”, disse, segundo as crianças da aldeia. Hoje, apenas três indígenas vão às aulas.

A exclusão na escola reproduz a exclusão social. Antônio João fica na região de Dourados, notável pela violação aos direitos indígenas. Foi em Naviraí, na região, que os índios da terra Pyelito kue/Mbrakay prometeram resistir até à morte a uma decisão da justiça federal de retirar suas terras. A carta aberta dos índios foi entendida como ameaça de suicídio coletivo e fez milhares de pessoas trocarem seus sobrenomes por “Guarani Kaiowá” nas redes sociais.

Entre 2003 e 2011, 282 índios Guarani-Kaiowá foram mortos - mais da metade dos casos de assassinato de índios ocorridos no Brasil. O país tem 25,5 assassinatos para cada 100.000 habitantes, mas entre os indígenas do MS, a taxa foi de 52,75 em 2011. Os dados são do Centro Indígena Missionário e Ministério da Saúde.

Falta de terras e violência geram nos jovens índios a sensação de não-pertencimento. Segundo o antropólogo Antonio Brand, os jovens se percebem sem lugar, como pessoas nem bem vindas, nem bem vistas no entorno de suas terras. Suicídios são fruto da exclusão: 555 casos entre os índios do MS entre 2000 e 2011, sendo que 99% ocorreram entre os Guarani-Kaiowá e 70% eram de jovens entre 15 e 29 anos.

Os índios pertencem ao grupo de risco para a o bullying, sugerem esses dados. Segundo os psicólogos, crianças com estas características têm maior probabilidade de sofrer bullying: percebidas como diferentes pelos pares, vistas como incapazes de se defender; deprimidas, com baixa auto-estima, com dificuldades de se relacionar, segundo mapeamento divulgado pelo Ministério da Educação americano. A pesquisadora Luciane Togneta, da Unicamp, descreve o jovem-alvo: “Considera-se desqualificado em relação ao grupo e fora dele. Os sentimentos dos alvos são de negação, apatia, tristeza, angústia, de não-pertencimento, impotência, não-aceitação e de

ansiedade. Eles não dão conta de se superar e de superar os problemas decorrentes de não se sentirem pertencentes ao grupo”.

Os relatos colhidos à distância, pesquisas acadêmicas e denúncias indicam: o bullying aos índios do MS é um problema urgente, que precisa ser discutido pela sociedade brasileira.

Possíveis fontes:

Professores da Escola Pantaleão Xavier

Educadores e psicólogos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral da Unicamp, especializado em bullying.

Leia Kaiowá e Joel Aquino, líderes e pais da aldeia Campestre .

Ação de Jovens Indígenas de Dourados (ONG)

Aty Guasu, a Grande Assembleia Guarani

Escritórios em MS do Conselho Indigenista Missionário e Instituto Sócio-Ambiental

NEPPI da Universidade Católica Dom Bosco, grupo especializado em Guaranis Kaiowá

Funai em Ponta Porã

Secretarias municipais e estaduais da educação

Defensoria Pública e Ministério Público Federal do Mato Grosso do Sul

III.Objetivos

Expor como adolescentes não-indígenas aprendem, dentro de casa e em suas relações sociais, a violar a dignidade do índio.

Revelar como o conflito entre fazendeiros e guaranis-kaiowá se reproduz no ambiente escolar, através do bullying.

Mostrar como é a atuação das escolas e do poder público contra o bullying.

Mostrar como o conceito de bullying é encarado na cultura Guarani-Kaiowá.

IV. Metodologia

- Pesquisa prévia na bibliografia e com especialistas para entender melhor a questão indígena na região de Dourados, educação indígena, cultura dos Guarani-Kaiowá, as manifestações do bullying e formas de combatê-lo.

- Visitar Antônio João. Descobrir casos de bullying nas escolas públicas, espaços públicos e aldeias.

- Propor a quatro adolescentes - dois índios agredidos e dois agressores não índios - morar com eles uma semana. Observar como o preconceito se manifesta nos espaços de convivência, como igrejas, festas, times de futebol, etc. Entrevistar pais, parentes, amigos e líderes.
- Procurar escolas, ONG e órgãos responsáveis. Saber como a educação para a paz é abordada e qual o suporte dado às vítimas de bullying.
- O material originará uma publicação online. Contará a história dos adolescentes, alertando a sociedade.